

Processos de aprendizagem na TV Universitária: a experiência da TV UESC¹

Betânia Vilas Bôas Barreto²

Rita Virginia Argollo³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

Resumo: Refletir sobre a construção do conhecimento a partir da relação Comunicação e Educação é a tônica deste trabalho. Na contemporaneidade, a inserção social das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) exige do ensino superior uma reformulação de sua práxis a partir de fazeres, valores e processos que contemplem as novas demandas sociais. Desta forma, a experiência do projeto TV UESC, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, Bahia nos serve de referência para discutir novas estratégias pedagógicas e metodológicas que facilitem processos de aprendizagens dialógicos e colaborativos, convergentes com abordagens teóricas que proponham a interlocução de saberes e protagonismo dos educandos como caminho para uma nova proposta de formação universitária.

Palavras-chave: comunicação; educação; processos de aprendizagem; TV Universitária.

Formação universitária e novas educções: reflexões sobre a construção do conhecimento na contemporaneidade

A construção do conhecimento na contemporaneidade se dá a partir de múltiplos aspectos e olhares sobre a realidade na qual vivem os, com uma variedade de veículos comunicativos que se entrecruzam, distanciam e se articulam no emaranhado de dispositivos e plataformas cada vez mais acessíveis aos mais diversos segmentos sociais. A ênfase maior, dada por múltiplas abordagens de estudos no campo da comunicação e da educação atualmente, ultrapassa a perspectiva da observação apenas quantitativa dos meios comunicacionais disponíveis para a construção do aprendizado, e se debruça sobre os aspectos ligados à qualidade e interesse com os quais esses meios são utilizados e distribuídos nos diversos espaços educativos.

Para autores como Barros (2012), não se concebe mais o pensamento voltado para os processos educativos e de comunicação de maneira estanque e fragmentada, já que a presença das novas mídias implica mudanças na escala de valores, com redefinições de conceitos que transformam, inclusive, o próprio fazer científico. A consequência é a noção de um novo pensar sobre a inserção dessas mídias na construção do conhecimento e o posicionamento da academia dentro dessa configuração societal pautada pelas TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação). Esse aspecto apresenta-se relevante como dimensão a ser analisada, tendo em vista a vasta influência, e muitas vezes, a intervenção social possibilitada pelas plataformas comunicacionais que se tornam mais e mais interativas.

Nesse sentido, o autor defende uma relação intrínseca entre a educação e a

comunicação, principalmente no que diz respeito à construção do conhecimento acadêmico e científico, a partir da superação do pensamento fragmentário e fragmentado, fundado na lógica de pensamento cartesiana, racionalizadora e voltada para a especialização dos aprendizados. Para Barros (2012), é necessária a abertura para um diálogo entre a reflexão subjetiva e o conhecimento objetivo. Na prática, isso significaria criar espaços educativos dialógicos e que busquem a interlocução de ideias, fazeres e olhares sobre o processo de aprendizado para todos os envolvidos na construção de conhecimento tanto no ensino formal quanto no informal e não-formal.

Diante desse contexto, é fundamental que se compreenda que não cabe mais insistir em restringir o espaço de ensino-aprendizagem aos limites físicos da sala de aula, reproduzindo uma pedagogia similar ao modelo de comunicação de massa um -todos, no qual há um centro emissor para um público receptor/consumidor. O panorama cultural, político, econômico e tecnológico da contemporaneidade aponta para práticas educacionais menos centradas na figura de um professor como aquele que leva o conhecimento para os alunos e que, estes últimos, devem se satisfazer/limitar a receber conteúdo.

Ao contrário, precisamos nos conduzir em direção a uma perspectiva eficiente da educação, baseada em um modelo comunicacional descentralizado, todos-todos (LÉVY, 1999), em que o polo emissor não esteja atrelado unicamente aos conhecimentos advindos dos docentes, mas sim seja construído a partir da participação dos diversos atores.

Essa proposta, que caminha “em direção a abordagens caracterizadas por uma

maior abertura, participação e colaboração entre pares” (ARESTA; MOREIRA; PEDRO, 2011, p. 101) permite perceber que os estudantes trazem consigo experiências, vivências e informações, adquirindo outros aprendizados e conhecimentos que não somente aqueles específicos do ensino superior, ou de uma determinada disciplina, uma vez que “a educação se dá em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 57).

Tomando como base os Estudos Culturais, que ampliam as possibilidades educativas – já que podemos ser educados também por imagens, TV, jornais, filmes, textos diversos e suas particulares visões de mundo – os autores destacam:

“Entre nós, no Brasil, as contribuições mais importantes dos EC em educação parecem ser aquelas que têm possibilitado: a extensão das noções de educação, pedagogia e currículo para além dos muros da escola; a desnaturalização dos discursos de teorias e disciplinas instaladas no aparato escolar; a visibilidade de dispositivos disciplinares em ação na escola e fora dela; a ampliação e complexificação das discussões sobre identidade e diferença e sobre processos de subjetivação. Sobretudo, tais análises têm chamado atenção para novos temas, problemas e questões que passam a ser objeto de discussão no currículo e na pedagogia (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 56).”

Dessa maneira, vivências e convivências diversas são responsáveis pela nossa

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Educação. Professora do Curso de Comunicação (RTV) da UESC, email bete_vilas@hotmail.com.

³ Doutora em Educação. Professora do Curso de Comunicação (RTV) da UESC, email: rvargollo@yahoo.com.br.

constituição como um ser social, dentro e fora dos espaços formais de ensino-aprendizagem. Na perspectiva do estudante, é imprescindível que se compreenda que ele traz consigo as marcas do percurso que traçou em busca de uma aprendizagem também informal, compreendida, aqui, como sendo aquela realizada com os outros e de forma autônoma, podendo ou não estar relacionada ao contexto formal de aprendizagem – escola, trabalho, etc (VIANA, 2009).

Nessa perspectiva, propomos aqui um relato da experiência resultado dos mais de 10 anos de vivência como docentes integrantes da TV UESC, TV Universitária (TVU) da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, Bahia. Trata-se de um projeto de extensão voltado para a produção audiovisual e a formação discente. Inicialmente discutimos sobre as características inerentes aos processos produtivos, pedagógicos e metodológicos de uma TVU, assim como a pertinência em se pensar transformações e alternativas para apoiar os processos de aprendizagens dos educandos a partir das experiências com o audiovisual. Logo após, passamos a apresentar a trajetória da TV UESC como um exemplo desse exercício de pensar uma nova práxis para a formação universitária no diálogo entre a comunicação e a educação em variados aspectos, passando pelas rotinas produtivas, processos de ensino-aprendizagem e perspectivas metodológicas dialógicas e participativas, com vistas à autonomia e ao empoderamento do educando do seu próprio percurso de aprendizado.

TV Universitária e novas educações – um caminho para a formação do educando

Com base no exposto e na nossa experiência docente, entendemos que os educadores passam a atuar como mediadores de um processo, imbuídos pela necessidade de estimular a cultura da participação (SHIRKY, 2011) e o aprendizado mútuo do grupo, compreendendo que essa cultura deve ser percebida e reconhecida por todos os indivíduos envolvidos como sendo um valor essencial e norteador para todas as práticas (BARROSO, 1995). Essa premissa vale principalmente no que concerne a uma TV Universitária, essencialmente voltada para a produção audiovisual de cunho educativo e formativo e que é, por natureza, uma instância de compartilhamento de conhecimentos.

As etapas que envolvem a construção de conteúdos passam por processos constantes de discussão, organização, execução e avaliação que demandam o interesse e a colaboração efetiva da equipe envolvida – docentes, profissionais e estudantes. Elaborar um produto audiovisual implica fases de pré-produção, produção, pós-produção e distribuição – etapas em que, dificilmente, um indivíduo sozinho daria conta. Desde pensar um roteiro (seu

estilo e natureza), a ver a obra finalizada e sendo veiculada, é imprescindível que se passe por estágios como elaboração adequada da mensagem que se quer transmitir, escolha e providências de todos os recursos técnicos, humanos e logísticos para viabilização adequada do projeto, que demandam atribuições específicas, ou múltiplas, de cada participante do grupo. É a divisão de tarefas e funções para os componentes que possibilita que cada um vivencie essas atribuições, compreendendo suas especificidades, seu fluxo, seu encadeamento necessário para o desempenho adequado de todo o processo de execução de um trabalho colaborativo.

Não defendemos que essa seja uma tarefa fácil, uma vez que o modelo de educação tradicional passa a educação singular, de escola única. Assim, acreditamos que é preciso que, constantemente, educador e educando revejam suas práticas no intuito de reelaborar e ressignificar o cotidiano. Significa, inclusive, superar o modelo de “aula” como única possibilidade de espaço-tempo de relações entre os sujeitos envolvidos no processo educativo. Pressupõe transformar o espaço-tempo educativo em um campo do qual emergem as atividades curriculares e no qual se articulam os conteúdos às ações, o saber ao viver. Isso implica superar a fragmentação do currículo escolar, organizado em disciplinas. (BONILLA; PICANÇO, 2005, p. 219).

Pesquisadores como Pretto (2006), Bonilla e Picanço (2005) analisam a sociedade contemporânea a partir de transformações científicas, tecnológicas, culturais, sociais e educacionais, propondo a reaproximação entre educação e cultura e a reavaliação do sistema educacional, em especial do currículo escolar. Esse panorama sinaliza para uma educação plural – as novas educações – que traz “a instabilidade como elemento fundante” (PRETTO; PINTO, 2006, p. 25).

E essa instabilidade está presente no cotidiano de uma TVU, especificamente na nossa tentativa de práxis na TV UESC, onde estudantes e professores/orientadores, por meio do trabalho conjunto, buscam fomentar novas construções educativas dialógicas e colaborativas. Quando um discente participa ativamente das reuniões, com abertura para sugerir, opinar e argumentar em defesa de temáticas, assuntos, ideias, processos a serem desenvolvidos, compreende a importância de um olhar mais amplo acerca do lugar em que está inserido, contribuindo para o aprimoramento da proposta do colega e para maneiras de viabilizar as demandas. Imerge nas rotinas produtivas televisivas e passa a conhecer, de perto, um imenso campo de aprendizagem.

Nesse outro espaço com lógicas diferenciadas, por vezes, dos processos vividos em sala de aula e com os quais esse

estudante estava acostumado, ele precisa desenvolver seu potencial como sujeito autônomo – o que não é necessariamente algo que seja assimilado de maneira simples. Dar conta de si, das próprias potencialidades, agir com o outro com alteridade, respeitar o fluxo intrínseco a esse contexto usufruindo de direitos e cumprindo deveres, muitas vezes, surge como um desafio assustador para os jovens em questão (FREIRE, 1996). É também sob essa concepção que enxergamos o espaço de uma TV Universitária como propício e rico para a formação do estudante.

Nessa perspectiva, a construção da autonomia dos sujeitos se dá paulatina e progressivamente a partir da conscientização de si mesmo como detentor de valores e experiências significativas e relevantes que podem ser compartilhadas e discutidas, como forma de empoderamento (VASCONCELOS, 2011). Esse processo de autopercepção leva o indivíduo a se sentir mais autoconfiante e com a autoestima elevada, possibilitando-lhe, cada vez mais, motivação para aquisição de novos conhecimentos e compartilhamento de ideias, contribuindo para sua formação profissional e como ser humano. É o que, na concepção freiriana, poderia ser chamado de busca por ser mais (FREIRE, 2005).

De acordo com Barros (2011), esse processo de construção do conhecimento e autonomia dos sujeitos ocorre com o desenvolvimento de novas competências e capacidades, alicerçado por um ambiente de estímulo e diálogo permanente e horizontalizado. Compõe-se como dinâmicas complexas e constantes de formação individual e coletiva, acontecendo não-linearmente a partir do envolvimento de diversos níveis perceptivos e de apreensão de valores e informações. “Para além do plano dedutivo, os processos de aprendizagem ganham dimensões indutivas e, até mesmo, intuitivas” (BARROS, 2011, p.10).

Fazendo uma correlação entre os conhecimentos advindos das dinâmicas curriculares das disciplinas e dos esquemas organizativos inerentes a perspectiva extensionista de uma TVU, buscamos a articulação entre o conteúdo, o conhecimento, a forma e a prática. Desse modo, o saber está intimamente ligado ao viver, estendendo a aprendizagem, de fato, para além da sala de aula. Essa postura defendida aqui fomenta uma relação interacional e dialógica entre professores e alunos.

Dessa maneira, o produto resultante do empenho de toda a equipe, seja ele jornalístico ou ficcional, independente do seu gênero ou formato, não se constitui apenas em mais uma produção audiovisual de estudantes de Comunicação Social, mas o resultado de um processo laboratorial que compreende a formação profissional de maneira ampla e comple-

xa, permeada por problematizações e não por padrões predeterminados.

Pelos caminhos da construção do conhecimento: a experiência da TV UESC

A proposta intencionada pela experiência da TV UESC, hoje órgão suplementar da estrutura administrativa da Universidade Estadual de Santa Cruz, desde o seu princípio, articula-se com as premissas discutidas pelos autores mencionados até aqui e engloba uma dinâmica de produção que precisa ser demonstrada para a compreensão da intencionalidade inerente ao projeto, compreendendo possibilidades organizativas de estratégias metodológicas, pedagógicas e comunicacionais que auxiliem e otimizem o processo de aprendizagem e a formação profissional dos alunos participantes.

Nossa experiência começou a ser idealizada no ano de 2003, a partir de uma demanda percebida por uma das instâncias administrativas da UESC, no caso a Pró-reitoria de Extensão (PROEX), que sentiu a necessidade de ampliar os meios de comunicação que possibilitassem um diálogo maior entre os setores acadêmicos, quais seriam: funcionários, professores e estudantes. Tendo em vista a existência, na Universidade, de um curso de graduação em Comunicação Social, habilitação em Rádio e TV (RTV), desde o ano de 1999, a referida pró-reitoria compreendeu que poderia articular o conhecimento acadêmico e técnico adquirido pelos estudantes às demandas comunicacionais universitárias, criando projetos em Rádio e TV universitárias, possibilitando um campo de estágio prático aos discentes do curso de Comunicação e contribuindo com uma maior circulação de informações acadêmicas para o seu público interno e externo.

Dessa maneira, um grupo de docentes do curso de Comunicação Social, das áreas de Imagem e Som, foi acionado e convidado a elaborar projetos de extensão que abarcassem os objetivos mencionados. Após transitar pelas instâncias competentes da UESC, no mês de setembro de 2004 o projeto Circuito Interno de TV – TV UESC, começou a ser executado.

Ao longo de seus onze anos de funcionamento, dezenas de estudantes foram selecionados para atuar como bolsistas, estagiários e também voluntários. Já no processo seletivo, o candidato escolhe a função que quer exercer, dando prioridade às suas habilidades e preferências audiovisuais. Esse critério demonstra um dos objetivos formativos do projeto, que é o de trabalhar com as capacidades e escolhas prévias dos educandos, possibilitando maior motivação e interesse para a aprendizagem coletiva (VASCONCELOS, 2006). Isto não quer dizer que ele

ficará restrito a apenas uma função. Caso tenha o desejo de vivenciar outra atividade dentro da equipe, é possível a readaptação interna para viabilizar a absorção do componente em mais de uma função. Como é o caso de alguns produtores que fazem reportagens, ou designers gráficos que editam texto, ou ainda repórteres que também exercem a função de apresentadores etc. Essa condição é discutida e acordada coletivamente.

Assim, o grupo foi organizado da seguinte maneira, a partir das vagas disponíveis: dois produtores, um repórter/apresentador, um repórter, um videorepórter, um designer gráfico, um editor de texto e um secretário de redação. Já os voluntários são auxiliares e se articulam nos núcleos de trabalho, ajudando na realização das produções. Contudo, o nível de responsabilidade e compromisso solicitado aos estudantes não remunerados corresponde ao mesmo pedido aos bolsistas, justamente para que não haja uma hierarquização dentro do quadro da TV e para, ainda, disseminar uma motivação de todos os componentes pelos trabalhos desenvolvidos.

Desta maneira, a disposição atual da equipe é de sete bolsistas, um estagiário e cinco voluntários, num total de treze discentes. O projeto conta com o apoio técnico de um cinegrafista e um editor de imagem, cedidos em parceria com o Curso de Comunicação Social. Diante dessa configuração e com o intuito de não interferir nas atividades curriculares dos estudantes envolvidos, a TV funciona apenas no turno matutino, de segunda-feira a sexta-feira, uma vez que o Curso de Comunicação é vespertino, exigindo a carga horária dos discentes em sala de aula.

Nessa conjuntura, desde a formação da primeira equipe, os professores coordenadores do projeto primaram, como princípio maior, pelo trabalho colaborativo, participativo e dialógico de todos os envolvidos, assim como o aproveitamento dos conhecimentos advindos das disciplinas curriculares, com o propósito de otimizar o trabalho em equipe e valorizar as experiências adquiridas pelos estudantes. Com esse horizonte delineado, foram sendo organizadas coletivamente as dinâmicas produtivas, supervisionadas pelos professores colaboradores, por meio de um acompanhamento estimulador do compartilhamento de ideias, sugestões, dicas e críticas em reuniões constantes com todos os componentes da equipe.

Uma das peculiaridades desta metodologia é a horizontalidade hierárquica, na qual tanto educandos quanto educadores têm espaço de fala, sendo que cada ideia é compartilhada, avaliada e votada por todos igualmente. Assim, a proposta de um coordenador pode ser

problematizada pelo grupo tanto quanto alguma sugestão trazida por um estudante. Essa dinâmica possibilita maior integração e participação efetiva do grupo, pois todos compreendem que seu espaço de fala e argumentação está assegurado. Com isso, estimula-se a autoconfiança e a autoestima nos educandos, dando-lhes autonomia discursiva e de atuação, possibilitando encontrar sentidos para sua formação universitária (SOLOMON, 2003; LELOUP, 2009).

Além das reuniões gerais com a coordenação, a equipe cria, livremente, seu esquema de encontros periódicos, dando encaminhamentos às demandas, independente da presença dos docentes. É importante ressaltar que todo o processo produtivo desenvolvido na TV UESC é totalmente efetivado pelos estudantes, que recebem o acompanhamento e supervisão dos quatro professores participantes do projeto, em regime de revezamento. Apenas uma vez por mês, todos os professores e estudantes se reúnem para avaliação dos trabalhos, novas deliberações e planejamentos das ações futuras.

Em sua versão atual, o projeto conta com o desenvolvimento de produções de cunho informativo e jornalístico, voltado para os interesses da comunidade acadêmica e das localidades do entorno universitário, compreendendo as cidades de Ilhéus e Itabuna. Além de uma parceria interinstitucional com o Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, efetivada desde 2006, que engloba a produção de matérias jornalísticas, por parte da TV UESC, para o programa Jornal do Futura, como também produções especiais como séries e interprogramas⁴. Outra contrapartida da parceria é a de participação da equipe da TV em eventos, treinamentos e oficinas disponibilizadas pelo Canal para os educandos e para os coordenadores.

Para a efetivação adequada dos trabalhos, foram criados, pela equipe, eixos temáticos, partindo da compreensão da função social de uma televisão universitária, voltada para abordagens educativas que culminem na construção do conhecimento, divulgação científica, estímulo à cidadania e direitos sociais. Nesse sentido, foram priorizados assuntos referentes a espaços educativos formais, informais e não-formais que tragam experiências positivas para a comunidade; temas ligados à diversidade em relação a gênero, etnia, religiosidade, sexualidade, política, cultura etc; questões ambientais; sustentabilidade; regionalidade; expressões culturais; história regional, expressões identitárias etc. Toda essa gama temática é discutida sob vários aspectos, buscando criar novas linguagens, narrativas e formatos audiovisuais.

A partir desses olhares sobre a reali-

⁴ Interprogramas são materiais audiovisuais de curta duração, geralmente de cunho educativo/informativo e sem fins publicitários, que são elaborados para serem exibidos ao longo da programação das emissoras de televisão, no intervalo dos programas.

dade, as rotinas produtivas são organizadas pelos estudantes e supervisionadas pela coordenação do projeto, em reuniões semanais que dão conta de quatro frentes produtivas permanentes, operacionalizadas por sub-núcleos responsáveis por um material específico, tendo também o apoio do restante da equipe, sempre que necessário.

Uma dessas demandas é a revista eletrônica⁵ *Universus*, sob a responsabilidade de três estudantes. Ela foi o primeiro programa produzido pela TV UESC e permanece até hoje, sendo composta por diversos quadros cambiáveis a cada edição. Sendo eles: *Sobe Som*, espaço de entrevistas com músicos e compositores, com o intuito de divulgar a música regional; *Entre Aspas*, fala povo⁶ sobre temas ligados ao cotidiano, que prioriza o humor, buscando aspectos mais cômicos de cada tema; *Matérias Diversas*, de cunho mais jornalístico e informativo, que dá preferência a questões sociais, interesse público, cidadania e temas mais voltados para política, economia, cultura e direitos humanos; *Claquete*, com dicas de filmes dadas por estudantes, professores e funcionários da universidade, com o objetivo de valorização das produções audiovisuais. A periodicidade de exibição do *Universus* é de quinze dias, sendo este o período disponível para o sub-núcleo planejar, organizar, produzir e finalizar cada edição do programa.

Outra frente de atividade desenvolvida é a produção, a cada quinze dias, de uma matéria jornalística a ser encaminhada para a TV Futura. Atualmente, uma estudante é a responsável pela interlocução com a equipe de produtores do canal para discussão e encaminhamento dos materiais, recebimento e envio de sugestões de reportagens, partindo da relevância do tema, pertinência e viabilidade de produção por parte da equipe. Essa estudante tem como auxiliares três outros voluntários, formando o sub-núcleo Futura.

Esse é o tipo de produção que exige muita agilidade e pro-atividade de toda a equipe, já que o tempo de execução da reportagem é exíguo diante da estrutura de produção disponível. Do dia que a equipe recebe a sugestão de pauta até a finalização do material na pós-produção, geralmente, ficam disponíveis de três a quatro manhãs para realização de todo o processo. Portanto, é um exercício de trabalho jornalístico que imprime uma dinâmica de pensar o VT⁷, produzi-lo, finalizá-lo e mandá-lo para a emissora parceira, demandando do estudante o máximo de eficiência, rapidez e trabalho colaborativo.

Outros tipos de materiais solicitados pelo Futura são participações na programação do canal com interprogramas ou séries especiais, sendo essas elaboradas com uma organização mais paulatina e prazos maiores de execução, dando a equipe um período de preparo e realização mais elástico. Porém, geralmente, esses produtos exigem outras habilidades como criatividade nas abordagens, aprofundamento em pesquisas e nos direcionamentos, maior envolvimento e organização coletiva.

Outro sub-núcleo existente na equipe é a produção de um programa específico idealizado pelo videorepórter. É ele, dentro do quadro da TV, o responsável por pensar, produzir, dirigir e pós-produzir um projeto próprio, deferido pela equipe, com a liberdade de criação, execução e escoamento do material. Desse modo, vários formatos de programas foram executados ao longo dos anos como documentários, ficções e programas de entrevistas. Na versão atual, o *Varal* é o programa mais recente idealizado. Trata-se da união de dois antigos quadros do programa *Universus*: o *Vendendo seu Peixe* e o *Varal*, que não estão mais sendo exibidos. Nessa nova versão, o programa busca discutir sobre a produção cultural na região, a partir do debate com realizadores da área e especialistas nas temáticas em envolvem essas produções, dando ênfase nas diversas expressões culturais locais. Para a produção do *Varal*, o videorepórter conta com o apoio de duas voluntárias. A periodicidade de exibição é quinzenal, alternando com o *Universus*.

E, por fim, outra demanda da equipe é um boletim diário denominado *TV UESC Informa*, constituindo-se de pequenas notícias de interesse acadêmico, utilidade pública, informes de prazos acadêmicos, eventos, campanhas solidárias, oportunidades de estágio, empregos etc. Para esse fim, duas estudantes trabalham na coleta de informações, utilizando fotos, textos, vídeos com pequenas entrevistas ou no acompanhamento direto dos eventos ocorridos, que são divulgados diariamente.

Contudo, nem sempre todas essas iniciativas são realizadas a contento. É possível identificar alguns problemas que ocorrem ao longo desse processo. Um deles é justamente a pouca experiência audiovisual e jornalística da equipe, que, boa parte das vezes, não consegue realizar o processo com a devida celeridade e qualidade textual, estética, informativa, logística. Alguns deles não conhecem técnicas de abordagens de entrevistados, ou não conseguem compreender o di-

recionamento dado à matéria, como também não conseguem orientar o cinegrafista para as necessidades de imagens do material, articulando -se com o off⁸ que será criado, dificultando, assim, a pós-produção do material.

Esses problemas atrasam o fluxo contínuo das fases de produção e precisam, várias vezes, da intervenção direta dos coordenadores, na revisão de cada fase realizada e em mudanças de direcionamento do processo quando julgam necessário. Assim como a revisão das matérias enviadas que é realizada pelo Canal Futura, solicitando, por vezes, reedição do material para retirada ou acréscimo de informações.

Mais uma questão suscitada é a dificuldade do trabalho coletivo e colaborativo, com o qual todos precisam estar atentos e prontos para auxiliar no que for preciso. Por vezes, alguns deles não se apercebem da necessidade de adentrar no processo executivo para facilitar a finalização do material, ficando restritos a sua função e deixando os outros colegas sobrecarregados com as necessidades de produção. Essa noção do trabalho colaborativo fica mais evidente quanto mais principiante no Curso de Comunicação o estudante for, por não ter vivenciado experiências de algumas disciplinas práticas do curso, que estimulam o trabalho coletivo audiovisual.

Outra questão importante que dificulta as etapas de produção é a falta de uma estrutura técnica disponível diretamente para a TV, como um veículo de deslocamento rápido da equipe quando se trata de matérias que precisam ser feitas fora da universidade. Por fim, o fato de trabalhar apenas pelas manhãs, restringe o acesso e a mobilidade da equipe a situações, locais, eventos, pessoas e iniciativas que seriam possíveis nos turnos vespertino e noturno, quanto também durante os finais de semana. Esses são entraves que vão sendo contornados constantemente pela equipe de produção e pela coordenação do projeto.

Além das rotinas produtivas audiovisuais, outras atividades são realizadas pelos estudantes participantes do projeto, que são mediadores em oficinas e work shops de audiovisual, como também realizam, apresentação oral em eventos acadêmicos nos quais relatam suas experiências e conhecimentos adquiridos com o projeto, tornando-se facilitadores do aprendizado sobre comunicação e educação tanto para o público acadêmico quanto o público externo. Esses eventos são uma forma de valorização dos seus saberes e fazendo-os agentes multiplicadores e repli-

5 O gênero Revista Eletrônica é voltado ao entretenimento e informação, trazendo o apresentador em estúdio introduzindo assuntos de diversos formatos como reportagens, videoclipes, entrevistas, humor, esportes, séries, etc (ARONCHI DE SOUZA, 2004).

6 O fala povo configura-se de pequenas entrevistas feitas pela equipe de reportagem com a população sobre temáticas diversas. Geralmente são editados trechos curtos de várias respostas obtidas sobre um mesmo assunto, para demonstrar uma variedade de opiniões do público em geral.

7 Videoteipe (Video Tape) é a palavra utilizada para designar as antigas fitas usadas para gravação de imagens, que revolucionaram o processo de produção televisivo por possibilitar a edição do material bruto. Apesar de essa tecnologia ter se tornado obsoleta, o termo continua em uso por ser também sinônimo de reportagem.

8 O texto em off é aquele em que não aparece o narrador, apenas a fala coberta com imagens.

cadres de conhecimento e informações as mais variadas. Isso também possibilita autonomia discursiva e protagonismo no que tange a perceber sua experiência como significativa e importante e percebendo-se como um sujeito detentor de conhecimentos relevantes a serem multiplicados para outras pessoas (FREIRE, 1996; VASCONCELOS, 2006).

A despeito dos entraves percebidos ao longo do percurso, a experiência e o retorno obtido por parte de manifestações dos egressos, podemos afirmar que a proposta aqui discutida tem apresentado resultados positivos. Na análise feita por Nascimento (2013), a quase totalidade dos ex-bolsistas foi entrevistada e a maioria destacou a importância da TV UESC na sua formação profissional, o crescimento a partir dos desafios de lidar com autonomia, produção em equipe e condições de trabalho nem sempre favoráveis e ainda a possibilidade de criar a partir da experimentação audiovisual em uma TVU – o que não seria possível em uma TV comercial, devido às rotinas produtivas engessadas e produções presas a uma grade de programação. O referido estudo também destacou a aderência dos egressos ao mercado profissional de Comunicação.

Pelo exposto até aqui e implicados com essa formação plural, os professores que integram a TV UESC têm buscado, ao longo desses onze anos de projeto, implementar práticas que proporcionem um maior reconhecimento do estudante como também responsável por seu aprendizado. Seja com a criação direta de programas ou vídeos, com o envolvimento

em projetos educacionais que rompem as barreiras físicas da universidade ou em novas propostas criativas, temos sempre em mente a complexidade do processo de ensino-aprendizagem.

Considerações finais

Acreditar e apostar em um processo de ensino-aprendizagem que tem como elemento fundante a instabilidade, a nosso ver, não se constitui em algo de simples realização. Não foram poucas as vezes que precisamos rever as rotinas, reavaliar as práticas, reconduzir as ações. Tomar como norteadora uma metodologia que leva em consideração a formação do sujeito autônomo requer muita disposição e dedicação, sem dúvida.

E também exige que o professor esteja aberto a, constantemente, repensar a sua práxis pedagógica, abrindo mão daquilo que, muitas vezes, havia sido considerado como sedimentado. E mais: é preciso que haja um pacto com o sujeito em formação, para que este, também, compreenda que naquele espaço de estudos, pesquisas e criação, a lógica produtiva é guiada por outros parâmetros, nem sempre fáceis de serem assimilados.

Desse modo, por que, então, há tantos anos insistir nessa perspectiva de trabalho acadêmico e extensionista? Justamente por compreendermos que esse caminho permite pensar no estudante não somente naquele curto período de vida acadêmica, mas sim, como ser no mundo. Por entendermos que a formação no ensino superior – assim como as outras fases da educação formal – não se restringe a transmitir conteúdos, técnicas, conceitos.

Se a educação é, de fato, elemento catalisador de transformações sociais, essa premissa só poderá se constituir como realidade, se estiverem os dispostos a educar para a alteridade.

Essa perspectiva implica, a partir das trajetórias de experiências individuais, ressignificar saberes e processos com vistas a uma prática colaborativa e participativa, em consonância com o contexto comunicacional da contemporaneidade e, principalmente, com o que se entende por rotinas produtivas do audiovisual. Dessa forma, o sujeito não é detentor de conhecimento nem superior hierárquico na equipe, mas colaborar em um processo amplo, que envolve os seus pares, o compartilhamento de saberes e a elaboração coletiva de programas e projetos e a busca conjunta pela melhor maneira de execução.

Análises de egressos têm demonstrado a aderência dos mesmos no mundo do trabalho em setores que de alguma maneira estão ligados à área de comunicação, mais especificamente televisão. E, além disso, tem se comprovado o reconhecimento que eles têm no que concerne à experiência adquirida como bolsistas ou voluntários da TV UESC e sobre a importância desse momento para a conformação do perfil profissional de cada um. Assim, falar em novas educações é levar em consideração uma perspectiva de planejamento e ação que contemple professores a alunos como sujeitos em constante compartilhamento, colaboração e aprendizado, dispostos a ampliar horizontes e investir em uma prática educacional libertadora.

REFERÊNCIAS:

- ARESTA, M.; MOREIRA, A.; PEDRO, L. Comunicação e Colaboração em Contexto Educativo: O trabalho colaborativo no Mestrado em Multimídia em Educação. In: DIAS, P.; OSÓRIO, J. A. Aprendizagem (In)Formal, na Web Social. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, 2011.
- ARONCHI DE SOUZA, J. C. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo, Summus, 2004.
- BARROS, L. M. Comunicação e Educação: além de forma e conteúdo. REVISTA AÇOMIDIÁTICA - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós Graduação em Comunicação, v. I. nº 1. ano 2011.
- BARROSO, J. Para o Desenvolvimento de uma Cultura de Participação na Escola. Lisboa: Ed. Instituto Inovação Educacional, 1995. Disponível em: <http://cefopna.no.sapo.pt/8.pdf> Acessado em 20/04/14.
- BONILLA, M. H.; PICANÇO, A. A. Construindo Novas Educações. In: PRETTO, N. L. Tecnologia e novas educações. Salvador: EDUFBA, 2005. 230p. ISBN 852320377X(broch.).
- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H.. Estudos culturais, educação e pedagogia. Revista Brasileira de Educação, Maio/Jun/Jul/Ago 2003, Nº 23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf> Acessado em 20/04/14.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- . Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.
- LELOUP, J. A arte de cuidar: estilo alexandrino. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009. LÉVY, P. Cibercultura; tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- NASCIMENTO, L. C. V. B. Projeto Educacional da TV UESC: TV Universitária como ambiente dinâmico de experimentação e formação profissional. Monografia. Curso de Comunicação Social, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-Ba, 2013.
- PRETTO, N.; PINTO, C. C. P. Tecnologias e novas educações. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 31, jan./abr., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31.pdf>. Acessado em 20/04/14.
- VASCONCELOS, E. M. Formar profissionais de saúde capazes de cuidar do florescer da vida. In: VASCONCELOS, E. M.; FROTA, L. H.; SIMON, E. (Orgs.). Perplexidade na Universidade: vivências nos cursos de saúde. São Paulo: Editora Hucitec; Edições Mandacaru, 2006b, pp. 265- 308.
- VIANA, J. O Papel dos Ambientes On-line no Desenvolvimento da Aprendizagem Informal. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Dissertação de Mestrado. 2009, 254p. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2086/1/21849_ulfp034652_tm.pdf Acessado em: 20/04/14.
- SHIRKY, C. A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado; tradução Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SOLOMON, R. C. Espiritualidade para céticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.